

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente inaudito em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saíamos por uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco: e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “Olhe um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras de minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “Olhe um porco de verdade.”

Passávamos por cavalos belos que esperavam de pé pelo amanhecer.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

No bonde mesmo começava a amanhecer. Meu coração batia forte ao nos aproximarmos de Olinda. Finalmente saltávamos e íamos andando para as cabanas pisando em terreno já de areia misturada com plantas. Mudávamos de roupa nas cabanas. E nunca um corpo desabrochou como o meu quando eu saía da cabina e sabia o que me esperava.

O mar de Olinda era muito perigoso. Davam-se alguns passos em um fundo raso e de repente caía-se num fundo de dois metros, calculo.

O cheiro do mar me invadia e me embriagava. As algas boiavam. Oh, bem sei que não estou transmitindo o que significavam como vida pura esses banhos em jejum, com o sol se levantando pálido ainda no horizonte. Bem sei que estou tão emocionada que não consigo escrever. O mar de Olinda era muito iodado e salgado. E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas, e trazia um pouco do mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele.

Não demorávamos muito. O sol já se levantara todo, e meu pai tinha que trabalhar cedo. Mudávamos de roupa, e a roupa ficava impregnada de sal. Meus cabelos salgados me colavam na cabeça.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a Viver**. Rocco, 2004.

1. As viagens a Olinda para o banho de mar eram, para a menina,
 - (A) simplesmente rotineiras.
 - (B) **extremamente prazerosas.**
 - (C) bastante cansativas, mas agradáveis.
 - (D) monótonas, apesar de divertidas.
2. A caminho da praia a família passava por uma área que lembrava um ambiente rural, como se constata pelos parágrafos
 - (A) segundo e terceiro.
 - (B) terceiro e quarto.
 - (C) quarto e quinto.
 - (D) **quinto e sexto.**
3. De acordo com o texto, para o pai, a temporada de banhos de mar **NÃO** era um(a)
 - (A) **pretexto para um passeio com a família.**
 - (B) período destinado a cuidar da saúde da família.
 - (C) hábito salutar a ser repetido anualmente.
 - (D) prática saudável e que deveria seguir um certo ritual.

4. “Minha capacidade de ser feliz se revelava.” (□. 35)

Pela leitura do sétimo parágrafo do texto, conclui-se que essa capacidade de ser feliz resulta

- (A) da inexistência de problemas em sua infância.
- (B) de sua cega confiança no futuro.
- (C) **de poder viver intensas alegrias com os pequenos presentes da vida.**
- (D) do desejo de viver em constante euforia.

5. “De noite eu ia dormir, **mas** o coração se mantinha acordado, em expectativa.” (□. 10-11)

A palavra que pode substituir **mas** no texto, por ter sentido equivalente, é

- (A) pois.
- (B) portanto.
- (C) **porém.**
- (D) porque.

6. O pronome destacado **NÃO** indica posse na seguinte frase:

- (A) A brisa da madrugada tocava-**lhe** o corpo.
- (B) A expectativa mantinha-**lhe** o coração acordado.
- (C) **Faltava-lhe vontade de voltar para casa.**
- (D) O sal impregnava-**lhe** as roupas.

7. A palavra destacada **NÃO** corresponde a uma preposição em

- (A) “...sair de casa **de** madrugada...” (□. 7-8)
- (B) “...que nos levaria **para** Olinda...” (□. 8-9)
- (C) “...saíamos **em** jejum.” (□. 13-14)
- (D) “**Saíamos por uma rua toda** escura,” (□. 16)

8. A forma do verbo clarear está **INCORRETA** em

- (A) O sol **clareia** o mundo.
- (B) A irmã **clareou** os cabelos.
- (C) Abra as janelas para que o dia **clareie** a sala.
- (D) **Clariam** a roupa ao sol.

9. Segundo o padrão culto da língua, qual das frases abaixo apresenta pontuação correta?

- (A) **Quem quer viajar e conhecer outros lugares?**
- (B) A menina usava, colete e saia, vistosos.
- (C) A cidade, clareava aos poucos.
- (D) Ela mesma despertou a família; gritando!

10. A frase que se completa corretamente com a palavra **mau** é

- (A) Sabia mergulhar mas nadava _____.
- (B) **Escolheu um _____ momento para brincar.**
- (C) _____ conseguia respirar de tanta alegria.
- (D) Não havia _____ que resistisse a uma temporada de banhos de mar.

!